GONÇALVES DIAS

EDITÔRA SERGIO CARDOSO
MANAUS — 1965

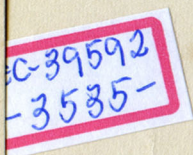
Inauguramos, com o lançamento dêste opúsculo, o plano de publicações de livros que nos propomos executar durante o ano em curso, em estreita colaboração com a **Editôra Sérgio Cardoso.**

Nossa promoção, consubstanciada no CLUBE DO LIVRO MADRUGADA, do qual participarão nossos leitores assinantes, tem por propósito dar mais ênfase ao movimento editorial do Amazonas, o que só nos será possível, estamos certos, se alcançarmos o apoio e incentivo do público leitor de nossa terra.

Já não é segrêdo para ninguém a existência do CLUBE DA MADRUGADA e o papel que, através de 10 anos de ininterrupto trabalho, vem desempenhando em prol da cultura amazônica, num esfôrço de integrá-la, de modo efetivo e constante, na cultura nacional.

O lançamento da "COLEÇÃO MADRUGADA", cujo primeiro volume é dedicado a GONÇALVES DIAS, como parte das comemorações alusivas ao centenário de seu falecimento, ocorrido em novembro do ano passado, embora constitua um movimento sòmente agora estruturado é, não se pode negar, a continuação de um trabalho iniciado há tempo e representado pelas obras anteriormente publicadas pelas "Edições Madrugada", sem nenhuma dúvida o ponto de partida da arrancada que ora reiniciamos sob nova forma.

Constitui, assim, um esfôrço a mais, no muito que já se tem feito neste decênio há pouco festejado e cujos dias, marcados todos êles por memoráveis realizações no campo da cultura, nos dão a certeza de que a luta que encetamos visando à reformulação dos con-

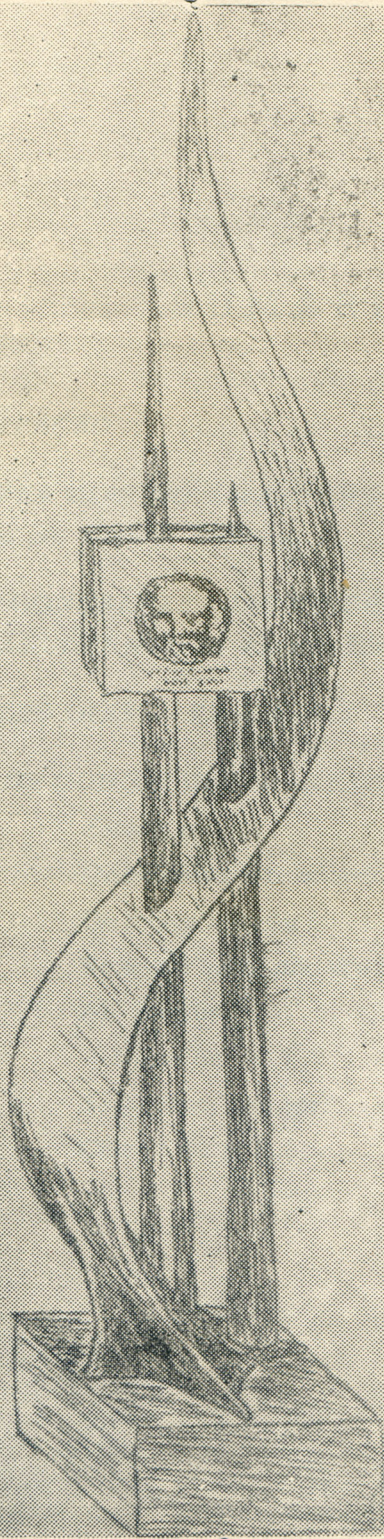
gonçalves dias

Gonçalves Dias

clube da madrugada

gonçalves dias

1864
1964

editôra sérgio cardoso
manaus (am) 1965

Placa da Praça Gonçalves Dias, logradouro conhecido como "Canto do Pina", criada em decorrência de um Projeto de Lei apresentado à Câmara Municipal de Manaus, pelo Vereador Evandro Carreira, membro do CLUBE DA MADRUGADA, como parte das homenagens prestadas ao grande poeta brasileiro, no centenário de sua morte.

Projeto do monumento a Gonçalves Dias, de autoria de Álvaro Páscoa membro do CLUBE DA MADRUGADA, erigido na praça que recebeu o nome do Poeta, com a colaboração da Prefeitura Municipal de Manaus. Referido projeto foi executado, em suas linhas dominantes, em bronze. O plinto, entretanto, sofreu radicais transformações e, sua construção, foi financiada por subscrição feita entre frequentadores do "Canto do Pina" (Praça Gonçalves Dias). O monumento, inaugurado juntamente com a Praça, representa a perene homenagem do CLUBE DA MADRUGADA e do povo de Manaus ao imortal cantor de "Os Timbiras".

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

A publicação desta plaquete constitui um dos pontos altos dos festejos realizados em homenagem ao primeiro decênio de atividades do CLUBE DA MADRUGADA, entidade fundada em 22 de novembro de 1954, quando surge no panorama cultural do Estado como sinal de uma geração fadada a desempenhar rude e necessária tarefa renovadora dos cânones artísticos e literários no Amazonas.

Dêste modo, a oportunidade do centenário da morte de Gonçalves Dias, ocorrido a três de novembro último, foi colhida pela Comissão Organizadora do programa de festejos do CM, com o máximo de proveito e eficácia, tendo-se montado. para o mesmo dia 3, numa das vitrinas da firma Mattos Areosa & Cia Ltda., uma exposição rememorativa dedicada ao vigoroso cantor dos Timbiras, que contou com a colaboração do Museu Indígena Salesiano, do Patronato "Santa Terezinha".

O contexto do presente opúsculo reflete o seguimento dessa homenagem prestada pelo CLUBE DA MADRUGADA durante o mês de novembro, como o ensaio (inicialmente destinado à publicação em jornal) do escritor Agnello Bittencourt, intitulado "O Poeta Gonçalves Dias no Centenário de Seu Falecimento", remetido do Estado da Guanabara, onde reside o autor; uma palestra proferida pelo clubista Elson Farias, no Colégio Estadual do Amazonas, e um levantamento cronológico da passagem do vate brasileiro pelo Amazonas, de autoria do etnólogo Geraldo Pinheiro, Secretário do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas.

Entrementes, as comemorações do centenário não ficaram nisto: o monumento a Gonçalves Dias que se inaugura na Praça

do mesmo nome, simultâneamente com o lançamento dêste trabalho, é outra inequívoca prova do carinho e da admiração com que o Clube da Madrugada, em nome do povo de Manaus, envolve o centésimo ano da morte daquele que, em 1861, passou pelo Amazonas, daqui levando a lembrança e a saudade da terra ante cujo fascínio teria escrito seus últimos poemas de autêntico sabor nativista.

GONÇALVES DIAS NO AMAZONAS

Cronologia levantada por Geraldo Pinheiro
(Do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas)

"Nas margens do caudaloso Amazonas, pensava êle encontrar a solução dos grandes problemas etnográficos e linguísticos que tanto têm preocupado os sábios do antigo e novo continente. Nessas pesquisas consumiu cêrca de seis meses, e ao cabo dêsse tempo achou-se com a saúde tão deteriorada, que forçoso lhe foi tomar o caminho do Rio de Janeiro, onde aportou em princípios do ano de 1 862."

J. C. Fernandes Pinheiro — 1870.

"**O Amazonas !** Ao pronunciar esta palavra todo o coração brasileiro estremece. Os que o tem visto sabem que a seu respeito se tem escrito mais ou menos do que a verdade; os que não o viram ainda conservam e guardam lá em um dos escaninhos d'alma o desejo de o avistar ainda n'algum dia pois, no meio de tudo, crê que o Amazonas nada é mais do que um rio. Vê-se e admira-se, mas é só com o auxílio da reflexão que êle se torna assombroso."

Gonçalves Dias -— 1861

1 8 6 1

Fevereiro : — Chegada a Manaus no vapor **Cametá**.

28 — Nomeação feita pelo presidente da Província do Amazonas, dr. Manoel Clementino Car-

neiro da Cunha, para visitar as escolas públicas de primeiras letras do Rio Solimões.

Março : — Partida e regresso do Rio Solimões.

26 — Data do relatório apresentado por GD ao presidente da Província :

"Nesta minha excursão distraído com assuntos de outra natureza, na necessidade de informar-me de outras particularidades com as pessoas dos lugares por onde transitava, apertado com a estreiteza de tempo de que podia dispor, não deixei nunca em esquecimento as ordens de V. Excia., e para executá-las, ainda imperfeitamente, valeu-me sem dúvida o haver-me aplicado de há longa data a estas matérias, estudando-as na prática das províncias do norte do Império e ainda mesmo fora dele."

Abril : 8 — Carta a Cláudio Luis da Costa, seu sôgro, sôbre a edição de seu livro CANTOS, impresso em Leipzig por F. R. Brockhaus :

"Mas, quando o govêrno apanha um contrabando, não vai perguntar ao contrabandista se êle comprou ou furtou os objetos da presa, tira-lhos e multa."

22 — Carta ao futuro Barão de Capanema.

25 — Carta a Tomaz Pompeu de Sousa Brasil, recomendando a sua filha :

"Assim, pois, lá te irá essa enjeitada, que já tem a fortuna de ter o que eu nunca tive, o que não hei de ter nunca — família."

Maio : 1 — Poesia : "**Estâncias**".

3 — O presidente da Província do Amazonas, falando à Assembléia Legislativa Provincial, disse sôbre GD :

"Em data de 28 de fevereiro nomeei visitador das escolas do Solimões ao doutor Antonio Gonçalves Dias. Aceitou de bôa vontade esta comissão, e a desempenhou com muito proveito. O seu trabalho revela investigação sensata, espírito conhecedor de princípios, e práticas do serviço, e das condições do país, que estuda. Juntando-o a esta exposição no anexo n. 1, devo acrescentar que o doutor Antonio Gonçalves Dias não aceitou a gratificação, (cem cruzeiros) a que tinha direito nos termos da lei."

10 — Carta a Capanema.

— Poesia : "**Que cousa é um ministro**" (Referia-se ao ministro da pasta do interior no gabinête Ferraz Barreto Monpraian).

25 — Carta a Teófilo Carvalho Leal :

"Ficar-se na vida uma sombra, sem coração, sem gôsto, sem futuro, como uma planta sem raízes".

— Carta a Capanema :

"Como se tudo isso não fosse posterior à estada em Lisboa e Paris."

30 — Poesia : "**Oh ! que acordar !**"

Junho : 16 — Poesia : "**Se muito sofri, não m'o perguntes**"

17 — Poesias : "**No jardim**" e "**A baunilha**".

25 — Carta a Capanema :

"Ficar por aqui, não. . ."

— Carta a Antonio Henrique Leal :

Julho : 6 — Deixa Manaus, em viagem ao Rio Madeira, até o lugar Crato, com a missão de inspecionar as escolas primárias e diretorias de índios, na companhia do dr. João Martins da Silva Coutinho, dr. Caetano Estelita Cavalcante Pessoa, chefe de polícia; do dr. Antonio Davi Vasconcelos Canavarro, inspetor da Saúde Pública.

25 — Carta a Antonio Henrique Leal :
"Aqui, quer ao clarão da lua, quer no remansar de uma noite serena dos trópicos, respira-se as largas, em ondas a plenos pulmões, como se tôda a atmosfera não bastasse para satisfazer a sede do olfato, que se desperta sôfrega, que é poesia ainda, que se converte em amor."

— Poesias : "**Se te amo, não sei**" e **Como! És tu** ?"

— Carta a Capanema :

"Pudesse eu apagar da minha vida ou pelo menos de minha memória, muita miséria e desgosto, como na pedra se passa a esponja sôbre o desenvolvimento de um cálculo que se errou ! "

26 — Carta a Antonio Henrique Leal :

"Os índios bolivianos que desceram com o Parada, aí uns 12 ou mais pertencem aos

Baures... Tomei dois para mestres, e no fim de meia dúzia de lições estou cada vez mais grego com eles, por ir conhecendo melhor a dificuldade de escrever as suas palavras."

(O vocabulário que levantou perdeu-se na sede do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro).

31 — Carta a Antonio Henrique Leal :

"Quero a verdade, espero-a de um amigo."

Agosto : 10 — Carta ao Conselheiro Freire Alemão :

"Tenho pois a levar ao conhecimento de V. Excia. que, no caso de não cessar essa vergonhosa manobra judicial — a brutalidade dessa imputação, com que se quer fazer crer ao govêrno e ao público que êsse homem não serviu senão de onze letras à comissão, eu me verei obrigado a pedir a minha demissão, ou antes, peço a V. Excia. que, verificando o fato, a considere como dada e se sirva de o comunicar logo ao govêrno imperial."

11 — Capanema, do Rio, escreve a GD :

"Vem quanto antes, não te demores mais um minuto."

— Carta de GD a Capanema :

"Ia para o Perú, para a Índia, para o Inferno — mudei de tenção, volto para o Rio".

"Somente uns escarros de sangue em agosto passado — e neste ano. Verás que não é

nada. Deus me tinha dado vida para um século e apezar de quanto tenho feito, ainda tenho saúde, isto é — não estou de cama. . ."

14 — Jantar com o Presidente da Província do Amazonas.

15 — Partida para o alto Rio Negro até Santa Izabel, onde se demorou 55 dias, no **Pirajá,** em companhia do dr. Davi Canavarro e do engenheiro militar Leovegildo Coelho e do negro escravo Fileno, que lhe acompanhou na viagem ao Amazonas.

18 — Em Barcelos.

26 — Na cachoeira do Jurupari-Oca : "molhado e tiritando de frio".

27 — "Um céo — anota GD — que desafia o de Napoles, uma atmosfera agradavel bem que de 24° c. — tal é o indizivel quadro que oferecia o Rio Negro, neste lugar, a estas horas".

31 — São Gabriel.

Setembro : 1 — São Gabriel : "Escrevo estas notas enquanto o Canavarro toca o seu violão e o alferes com o cavaquinho, apezar de um panarício no índice, alegra as solidões de S. Gabriel."

2 — Partida de São Gabriel : "Os f. da p. que se retiraram furtaram o meu termômetro por bonito, ou então quebraram-no e deitaram-no fora."

3 — Em São Marcelino :

"O Venâncio, o chamado Cristo, está vivendo no Rio Abuio e aí continua com as suas pregações. Em maio dêste ano ainda se encontraram canoas que iam do Uaupés com caixas e presentes a ver o Cristo".

9 — Marabitanas (Rio Dimiti) :

"Adoece o escravo Fileno".

13 — Em Cucuí :

"Almocei com os caboclos à base da serra."

15 — Regresso do alto Rio Negro.

26 — Em Tapuruquara :

"Poucas vezes me tem Deus concedido presenciar um pôr do sol tão formoso Em frente à ilha, à margem do rio, estendendo-se como uma linha baixa no horizonte, o rio dourado pelo sol no ocaso, um céo belíssimo como nos trópicos quando ameaça tempestade, e adornando a cúpula com as cores mais delicadas que a nossa imaginação poderia conceber". "Quem não resiste a uma cena destas? Suicidio! Mas que importa! Quero tomar um banho neste lugar, ao menos no meu livro de notas quero deixar uma página de lembrança dêste mágico panorama."

Outubro : 3 — Partida de Barcelos.

5 — Moura :

"Andamos de noite de bubuia."

7 — Tauapeçaçú :

"Pedir ao Presidente da Província que mande buscar do Rio Branco o sino da igreja de Tauapeçaçú que está na fortaleza do Rio Branco."

10 — Regresso a Manaus.

— Carta a Antonio Henrique Leal :

"Gostei muito do Rio Negro apezar que não estava muito em disposição de espírito para gostar de coisa alguma."

11 — Por portaria n.º 103, foi nomeado pelo presidente da Província para presidir a Comissão organizadora da contribuição do Amazonas à Exposição Industrial do Rio de Janeiro.

12 — Início dos trabalhos da Comissão, da qual figuravam, entre outros, o Cônego Azevedo, o Dr. Antonio José Moreira, Silva Coutinho e Henrique Antony.

19 — Artigo de GD. no jornal ESTRELA DO AMAZONAS, de Manaus, intitulado "Cultura do Algodão e do tabaco" na primeira página.

23 — Relatório apresentado por GD ao presidente da Província sôbre os trabalhos da Comissão. GD ficara incumbido da parte de objetos etnográficos, ornatos e artefatos indígenas e também das curiosidades naturais.

— Notícia dos trabalhos da Comissão no jornal "Estrela do Amazonas".

26 — Deixa Manaus, de regresso ao sul do país. Despedida publicada na imprensa amazonense.

Para a elaboração desta cronologia, que ora publicamos em resumo, foram consultados os seguintes trabalhos : SILVA, "A Bibliografia de Gonçalves Dias"; PINHEIRO, "Notícia sôbre a vida e obras de Antonio Gonçalves Dias"; CUNHA, "Fala dirigida à Assembléia Legislativa. . ."; PEREIRA, "A vida de Gonçalves Dias"; CUNHA, "Relatório apresentado à Assembléia Legislativa. . ."; FARIA E SOUZA, "A Imprensa no Amazonas"; LEAL, "Pantheon Maranhense"; BANDEIRA, "A vida e a obra do poeta", além das produções de GD, inclusive os relatórios escritos em Manaus e o seu Diário da Viagem ao Rio Negro. A cronologia é parte do trabalho inédito de Geraldo Pinheiro : "Gonçalves Dias no Amazonas", do qual constam os seguintes capítulos : O Caminho da Morte — Saudades de Ana Amelia — GD, as Amazonas, os Índios e as Escolas e Um segrêdo do século.

O POETA GONÇALVES DIAS NO CENTENÁRIO DO SEU FALECIMENTO

AGNELLO BITTENCOURT
(Da Academia Amazonense de Letras)

(Homenagem promovida pelo "Clube da Madrugada")

O porquê dêste preâmbulo

Manaus não é sòmente um centro de comércio, de política e de diversões, cidade perdida ao meio da mais vasta e ubertosa floresta do mundo, mas um cenáculo de apurada cultura, onde não passam despercebidos os Homens e as Efemérides, que se integraram na História.

A urbe rionegrina agasalha uma vocação para o alto, a despeito dos entraves que tem encontrado em romper novos caminhos, para subir a montanha de luz. Para o confirmar, evoquemos as atitudes dos nossos irmãos de ontem, como os de agora, no afã da imprensa diária, nos concursos para preenchimento de cátedras, nos livros publicados com perfeição artística e em tudo que vem revelando talento e cultura nas ciências, nas letras, nas artes e em quantas formas do pensamento tem sido a matéria-prima da Civilização, e logo teremos a prova de que Manaus é aquêle cenáculo em perpétua vibração, para reviver os dias de antanho, na perenidade da chama sagrada. Deve, dêsse modo, orgulhar-se das suas instituições públicas e particulares, leigas e religiosas. Não é preciso declinar nomes e títulos. Mas, é bom registrar mais uma entidade na arena — o **Clube da Madrugada** — um grupo de rapazes estudiosos, de responsabilidade social, madrugadores de um progresso mais veemente, entretecido num calendário em que a

alegria, a fraternidade e o estudo se conjugam no mesmo esfôrço de uma vida feliz.

De onde lhes veio essa denominação, de certo simbólica e expressiva, logo deixando perceber algo de espiritual ?

Quero crer que um dos pioneiros da idéia houvesse recordado a "Oração aos Moços", de Ruy Barbosa, naquela passagem em que refere o método adotado sem influência de quaisquer artifícios para ter tempo de trabalhar, dizendo : "Ao que devo, sim, o mais dos frutos do meu trabalho, a relativa exuberância de sua fertilidade, a parte produtiva e admirável da safra, é às minhas madrugadas. Menino ainda, assim que entrei ao colégio, alvidrei eu mesmo a conveniência dêsse costume, e daí avante, sem cessar, tôda a vida."

Êsse pensamento que se transmudou, de bruxoleio em conduta, foi, para a Águia de Haya, a escada de sua glória, pois que, enquanto outros seus contemporâneos, de talento e cultura, dormiam, naquela fase da noite, êle, o grande Ruy, compulsava e escrevia livros, preparava discursos e pareceres.

Consinta-se-me que, aqui, recorde um grande conselho que Martinho Luthero, nos agitados tempos da Reforma, dava aos adolescentes, seus correligionários, **de levantar-se bem cedo e casar-se jovem.**

Deus permitirá que o Clube continui a ser um clarão de esperança, uma certeza de civismo, fazendo com que, neste momento, o nome e a obra de Gonçalves Dias, tantas vêzes consagrados, floresçam, ainda muito mais, na excelsitude de sua fama e na beleza do seu exemplo.

GONÇALVES DIAS NO SÉCULO.

Antônio Gonçalves Dias nasceu próximo à cidade de Caxias, na antiga Província do Maranhão, a 10 de agôsto de 1823, falecendo a 3 de novembro de 1864 (hoje, um século), em um naufrágio, no litoral de sua terra, quando regressava da França, onde fôra em busca de saúde.

Era filho de um negociante português e de mestiça brasileira. Fez o curso elementar, trabalhando e estudando, ao lado do seu genitor, na qualidade de caixeiro e encarregado da escrituração do estabelecimento paterno. Admiráveis sua inteligência e dinamismo.

Foi, assim, um menino que se recomendou por si mesmo. Desta forma, reeditou-se a afirmação do autor do "Paraizo Perdido": "A criança mostra o homem, como a manhã mostra o dia". A fim de continuar seus estudos, mandaram-no para Portugal, onde prosseguiu o curso de humanidades, e, em Coimbra, o de Direito, que concluiu em 1.844.

De regresso a Caxias, abriu banca de advogado, pelo espaço de dois anos, passando ao Rio de Janeiro. O Imperador mandou nomeá-lo para reger as cadeiras de História e de Latinidade do Colégio "Pedro II".

Gonçalves Dias ia sendo admirado por sua competência, critério e assiduidade. Entregaram-lhe a incumbência de percorrer as Províncias do Norte e indagar da situação e necessidades do seu ensino primário; bem assim, colher documentos para ampliar e fundamentar a História Pátria. Isto, em 1854. Com

descortínio, cumpriu a comissão, rematando-a com a entrega de substancioso Relatório.

Um homem tão inteligente e culto não poderia ficar sem prosseguir noutros serviços de relevância, numa época em que quase tudo, na esfera administrativa do País, estava por fazer.

Assim que terminava uma espinhosa tarefa, Gonçalves Dias era imediatamente chamado para a realização de outra, não menos delicada. Foi o caso de sua convocação para exercer o cargo de 1.º Oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros, viajando, em seguida, para a Europa, a fim de, alí, estudar sistemas de educação e ensino seguidos nos países mais adiantados do Velho Mundo. Regressou em 1.858, dando conta, como sempre, do importante trabalho.

Gonçalves Dias, a seguir, é mandado para o Norte, chefiando a Seção de Etnografia integrada na grande **Expedição Científica** de que faziam parte notáveis especialistas da História Natural, todos para pesquizarem as riquezas da região e os interêsses da ciência. Após dois anos e meio de lutas, no Rio de Janeiro, entre a política e a cultura, venceu esta, e a Expedição pôde lançar-se em caminho da Capital do Ceará, sua sede, em janeiro de 1858.

Sôbre Gonçalves Dias, nestas breves linhas, trato apenas de dois episódios de que foi protagonista o etnógrafo.

Conta-se que, em certa ocasião, após uma viagem cansativa, a cavalo, chega à fazenda de um abastado, magnânimo Coronel, que o agasalha fidalgamente e a tôda sua comitiva. Já esperado e bem recomendado, nada lhe faltaria. Chefe, auxiliares e bagageiros

jantam e preparam-se para dormir. O Coronel indica-lhes os aposentos, no interior do casarão. Gonçalves Dias, e alguns dos seus companheiros pedem-lhe licença para pernoitar alí mesmo, no alpendre, ao que lhes é ponderado não convir, pela possibilidade de um temporal pela madrugada. Todos, apoiados ao parapeito do alpendre, espiam o céu e entreolham-se, e resolvem ficar, atendendo ao calor do momento. Atam-se as rêdes. Enfadados da viagem, dormem. Mas, de fato, lá pela madrugada, há um corre-corre : era a tempestade, ventania e chuva, conforme o prognóstico do dono da casa.

No dia seguinte, Gonçalves Dias, intrigado pelo que sucedera, pergunta ao hospedeiro em que se baseou para avisar sôbre a vinda do fenômeno atmosférico, ao que lhe retrucou : "O Sr. Doutor, ontem, quando chegou, não ouviu o zurrar forte do nosso jumento ? Pois foi sinal certo de tempestade". Dizem ter o cientista emitido um conceito irônico a respeito da **sabedoria** dos burros. . . E que, na pressa de repousar, limitara-se a consultar a abóbada celeste e não o seu barômetro, ainda na bagagem . . .

Um outro fato, um tanto pitoresco, verificou-se, naquelas adustas plagas de Iracema, quando o etnólogo procurava a gênese das tribos que a ferocidade de Jeronymo de Albuquerque extingiu a ferro e fôgo : havia o Govêrno do Império introduzido, na Província, um lote de camelos africanos, a título de experiência, naquelas terras sêcas, batidas pela ardência dos estios

Ninguém sabia tratar dos quadrúpedes. Gonçalves Dias, interessado em possuir meios de transporte, para melhor efetuar sua missão etnográfica, toma a si a responsabilidade de manter os animais. Era engraçado

vê-lo, como um beduíno do Sahara, não de "oásis" em "oásis", mas de "arraial" em "arraial", executando o plano da inquirição científica.

Um dia, em viagem, um dêsses **navios do deserto** cai e quebra uma perna, ficando inutilizado. Resultado : os políticos da Côrte, que não o viam com olhar de justiça e simpatia, incriminaram-no pelo fracasso da experiência de adaptação dos camelos. Gonçalves Dias, desgostoso, ultima seus labores de etnólogo no Ceará, e parte para continuá-los no Amazonas, onde, em Manaus, a 27 de fevereiro de 1861, inicia seus estudos.

GONÇALVES DIAS NO AMAZONAS

Estava o pesquisador das etnias aborígenes do Norte, num campo inigualável de elementos de observação, antigos e coevos, não sòmente quanto aos característicos antropológicos como lingüísticos, principalmente o neengatu ou tupí do Norte, também chamado "língua geral", dela confeccionando um dicionário, ainda hoje muito procurado.

Na viagem que fez ao Rio Negro, estudou os selvagens "tête-à-tête"; visitou, nos seus cemitérios desaparecidos, as urnas (igaçáuas) de outros tempos.

Ninguém foi mais **indianista** do que êle, na etnografia e na literatura, descendo, em suas análises pessoais, à psicologia do homem das florestas.

A região do Amazonas foi, para Gonçalves Dias, no terreno de seus estudos, um paraízo, como para Agassis, 5 anos depois, a grande bacia fluvial, ali, com as suas numerosas espécies ictiológicas.

Na terra Baré, estava no govêrno da Província o Dr. Manoel Clementino Carneiro da Cunha, que recebeu Gonçalves Dias com inequívocas provas de aprêço e carinho.

Como o imperativo das atividades do visitante era o interior, percorrendo seus rios e perlustrando suas cidades, vilas, povoações e malocas, o Presidente pediu-lhe aceitasse o encargo de visitar as escolas do Govêrno, naqueles lugares que fôsse percorrendo. Foi aceito de bom grado o pedido. No dia seguinte ao da visita, ou seja o 28 de fevereiro (1861), era Gonçalves Dias Inspetor Escolar da Província do Amazonas, nos rios Solimões, Madeira e Negro, dentro do programa da expedição. Dando conta de sua incumbência escolar, seus Relatórios são peças que recomendam um sociólogo e pedagogista, salvo raras passagens em que não houve suficiente ou nenhum cuidado na redação da linguagem.

A respeito do serviço prestado à Província, o Presidente Carneiro da Cunha, em sua **fala** à Assembléia Legislativa, elogiando o Relatório sôbre a inspeção no Solimões, disse : "O Dr. Antônio Gonçalves Dias não aceitou a gratificação a que tinha direito nos têrmos da lei."

Seguiram-se outras inspeções, nos rios Madeira e Negro, ambas substanciosas e gratuitas. Na excursão rionegrina, que se estendeu até ao forte de Cucuí, nosso ponto lindeiro com a Venezuela, acompanharam Gonçalves Dias os Senhores Leovigildo de Souza Coelho e Antônio David de Vasconcelos Canavarro; o primeiro, Tenente de Engenheiros; o segundo, Médico militar. O nosso etnólogo e inspetor do ensino queixa-se dêsses companheiros que não o deixavam trabalhar, classificando-os de folgazões, amigos de festas, dizendo que

o último era "um bom garfo". Ambos viveram muitos anos em Manaus, sobretudo o Engenheiro Leovigildo Coelho, que deixou uma descendência ilustre.

****

Gonçalves Dias, durante os mêses que permaneceu no Amazonas, pouco tempo e fragmentado passou em Manaus, seu quartel general. Alí, quase nada se sabe de suas relações sociais. Recolhido à residência, que se supõe ter sido à rua Barroso, passava os dias, sem dúvida, em coordenar suas notas de viagem.

Sabe-se apenas que, em São Luiz do Maranhão, mantinha assídua correspondência com seu amigo Antônio Henrique Leal, futuramente um dos seus mais autorizados e minuciosos biógrafos.

Também correspondia-se, naquela cidade, com Domingos Theóphilo de Carvalho Leal, seu colega de estudos na Universidade de Coimbra, tendo êste se formado em Filosofia e Belas Artes e, bem mais tarde, depois de estar no Maranhão, seguido para Manaus onde fixou residência e constituiu família, deixando nome aureolado na história local, e progenitura ilustre

Sugiro que a Prefeitura de Manaus, nêste transcurso do centenário do falecimento de Gonçalves Dias, data em que todo o País lhe sacode, na pira sagrada de sua admiração e orgulho, um punhado de incenso, mande reeditar, em fascículo, os Relatórios sôbre inspeção escolar, e substituir, em uma das ruas de Manaus, um nome, dos inexpressivos e impostos pela casualidade político-partidária, pelo nome luminoso do excelso homem de letras.

A sensibilidade e inspiração do poeta.

A consagração da História funda-se na constância de um julgamento sereno e prolongado. Um século de críticas proferidas por brasileiros e estrangeiros de prol, já escreveu, desde muito, o **quit placet** da imortalidade do poeta Gonçalves Dias, um dos maiores, se não o maior, a ponto de alguém, com subida propriedade, tê-lo chamado o "poeta dos poetas".

Ao contrário do grande fabulista francês La Fontaine, que sòmente aos 40 anos começou a versejar, escrevendo fábulas, o aedo de Caxias, bem cedo cultivou as Musas até quando entrou nas realidades da Ciência, fazendo uma pausa, ao integrar-se na célebre Expedição do Norte, para retornar, tempos depois, à sua lira cada vez mais afinada.

Foi um homem de fina educação, muito respeitador das conveniências sociais, sabendo conduzir-se com "aplomb" nos salões aristocráticos.

Mas, era um apaixonado. Apesar de feio, anguloso, franzino e doente, não lhe faltaram namoradas e noivas, às quais dirigia seus madrigais. Casou-se com distinta senhora, inteligente e virtuosa de quem, em breve, teve ciúmes que motivaram a separação conjugal; embora vivendo sob o mesmo teto, conservavam os nubentes a cortezia social de sempre.

****

Gonçalves Dias foi um grande sofredor. Talvez por êsse motivo, e agitado pelo calor de um talento que raiava pelo gênio, tornou-se possìvelmente o maior

poeta lírico, de há um século. Encabeçando a fase romântica, criou o **indianismo** na poesia, como José de Alencar o havia feito na prosa.

Abriu enorme fenda nas muralhas da árida Arcádia. E sua tendência indianista foi uma vitória. Aí estão o "Canto do Piaga", a "Canção do Tamoyo", o "Y-Juca-Pirama", os "Timbiras". E também a "Canção do Exílio", "Olhos Verdes", "Ainda uma vez, adeus ! ", "A Noite", são transportes da alma e impulsos do coração transmitidos por uma pena inspirada como bem raras vêzes se têm podido conhecer.

Ninguém, hoje, mais discute o mérito e, assim, a glória do vate maranhense.

Aí estão, em obras de sólido valimento, as sentenças inapeláveis, já axiomáticas, de José Henrique Leal, Manoel Bandeira, Lúcia Miguel Pereira, Otto Maria Carpeaux, Pedro Calmon, Viriato Corrêa e mais umas quatro dúzias de críticos de nomeada, não relacionando os estrangeiros.

No dia em que se tiver de erguer, no Brasil, um Panteão de nossas glórias literárias, na galeria dos Poetas, deverá, certamente, estar, em primeiro plano o nome de Gonçalves Dias, pela destinação carismática do fulgor do seu talento e finura de sua sensibilidade, traduzidos na sua prosa e nos seus versos, com tanto "engenho e arte", como bem poucas vêzes se tem feito no mundo.

AGNELLO BITTENCOURT

Rio de Janeiro, 3/XI/1964.

GONÇALVES DIAS (palestra proferida no Colégio Estadual do Amazonas, no dia 3.11.64, às 20;30 horas).

ELSON FARIAS

Estamos celebrando, no corrente ano, o centenário de morte de Gonçalves Dias. Esta data, supomos, está sendo lembrada em todos os recantos do país. Aqui, em Manaus, com mais calor nós a lembramos, pôsto ter sido desta cidade, lá pelos idos de 1861, hóspede o autor dos "Timbiras". Gonçalves Dias estêve no Amazonas e aqui escreveu cêrca de dez poemas, inclusive os belos versos de "A Baunilha". Relembrando a memória desta grande figura de nossa cultura, queremos salientar que, também neste ano, estamos vivendo os dez de nascimento do Clube da Madrugada.

Mas o que pretendemos intentar nesta palestra, não é um retrato, sequer em traços obscuros, de Gonçalves Dias; o homem e os episódios de sua vida atormentada. Mas perseguir uma entrada na sua poesia.

Dizem os biógrafos que Gonçalves Dias era homem simples e de poucas complicações pessoais no convívio com seus semelhantes. Ressaltam outros as côres vivas do seu drama interior, oriundo de sua condição de mestiço e dos insucessos no terreno amoroso. Outro comentarista de sua obra, já numa linha mais avançada da crítica, afirma que o poeta, por questões de temperamento, sentia necessidade dessa contrariedade emocional, sob cujo efeito a sua máquina criadora se punha em ebulição. Álvaro Lins é quem diz isto : "E êste foi um grande tema de sua lírica : o amor nostálgico, o amor não realizado, o amor impossível. Parece

certo que Gonçalves Dias precisava dêle na sua vida para que tivesse sentido melancólico a sua obra. A desgraça, a tristeza é uma vocação. Se houvesse casado com Ana Amélia, o objeto do amor impossível teria sido a desdenhada Olímpia. A infelicidade fazia parte da sua natureza; sim, de qualquer modo, colocaria a mulher ideal fora da figura física que estivesse nas suas mãos."

Mas, como dizíamos no início, não vamos entrar nesses fatos de sua vida. Caminharemos para dentro de sua poesia.

O poeta, o ser poeta, é aquêle que melhor vive, com mais intensidade, as virtudes ou os vícios de sua época. Todo homem de sensibilidade, quer seja político ou cientista, comerciante ou escritor, possui o dom de captar e ver, mesmo o de assumir na sua estrutura orgânica as idéias e as preocupações do seu tempo. Essencialmente o poeta, é o ser que mais vive, no qual mais intensamente repercutem as idéias e as preocupações de sua época. Gonçalves Dias viveu em pleno momento romântico brasileiro, consequência da ebulição romântica do mundo. O romantismo não foi apenas uma escola literária ou moda. Foi uma filosofia de origens remotas na história. No Brasil, o grito da independência estalou do caos romântico. Hoje, sabemos já que o movimento da independência não teve aquela unção subjetiva de amor nacional ou de patriotismo que a história primária nos ensina. Pelo menos no seu todo. Por trás de tudo se urdia a trama dos interêsses econômicos. Aquêle episódio, digamos, foi uma espécie de grande alegoria ou apoteose da consumação política. Mas o povo recebia tudo sob o afã romântico, inclusive, — registra a história, —

quando cantava, em praça pública, o hino da independência, cuja letra e música foram compostas pelo próprio D. Pedro I, autor da grande frase do Ipiranga... Um pouco atrás na História e fora do Brasil, divisamos a Revolução Francesa, fruto também, se não me engano, do sentido de renovação e rebeldia do romantismo. Paulo Prado, apreciando as opiniões sôbre o romantismo, ajuíza : "Uns o contrapõem ao classicismo, representativo do sentimento da ordem, da lógica, do homogêneo, do abstrato, da razão, da clareza, em oposição às tendências concretas de fato e de vida, de tradição e de movimento que caracterizam, para assim dizer, a estrutura básica do pensamento e sensibilidade românticos. Para outros, o romantismo é simplesmente uma atitude ou o modo de ser de uma época turva e revoltada reagindo contra as antigas disciplinas que insistiam sem resultado em abafar a ânsia de independência, tão peculiar às multidões libertadas no fim do século XVIII." Homem do seu tempo, Gonçalves Dias absorveu todo êsse espírito, peculiar dessa época, profundamente fundado na sua sensibilidade, em rebeldia e fôrça criadora. Com os elementos da cultura clássica adquiridos nos estudos e freqüentes viagens que fêz à Europa, Gonçalves Dias vivia, em verdade, no Brasil, terra que nunca deixou de estar presente na sua imaginação e sentimento, como bem o comprovam os belos versos da "Canção do Exílio".

Se por um lado, o movimento romântico, como escola ou filosofia, no Brasil, produziu alguma coisa de negativo, por outro, e isto em escala maior e mais atuante, trouxe a grande virtude de sacudir a vida acanhada do povo que, refletido nos seus artistas e

escritores, até então se esgotava no copiar os modos de vida e as formas estéticas da metrópole, em particular, e, em geral da Europa. Sacudir o país no sentido de sua descoberta, do seu gênio e instinto próprios, eis onde residiu a grande graça do romantismo brasileiro. Gonçalves Dias integrou-se na vida do continente americano. Ao lado da vivência, na infância, com os costumes do povo, índios e mestiços da sua cidade natal, aparelhara-se da cultura que lhe permitia ver, com clareza, dentro de métodos racionais, os fenômenos da gente americana. Diz um comentarista que Gonçalves Dias tornara-se grande poeta, porque ao lado do instinto poético de que era excepcionalmente bem dotado, construíra êle um lastro de cultura realmente notável. Mas apesar disso, dêsse conhecimento exato e claro do homem e da paisagem americanos, os seus personagens indígenas nos parecem artificiais. Manoel Bandeira assegura que acontecia isso, mais pela enorme simpatia nutrida pelo poeta aos índios, do que por falta de conhecimento do modo de vida e da psicologia indígenos. E' preciso também que atentemos para o fato de que a poesia, obra de arte que é, não está insenta de sofrer dessas deformações nos temas, por aquêles aspectos de mistificação e invenção de que falam os teóricos.

A poesia amorosa de Gonçalves Dias, localizada na mais alta expressão do gênero em Língua Portuguêsa, tornou-o um dos nossos poetas mais populares. Porém, queremos chamar a atenção para a sua importância como expressão nova da poesia de Língua Portuguêsa, expressão nova não apenas do Brasil, mas da poesia de tôda a América Latina. Os poetas americanos viviam

aqui do pitoresco, eram estrangeiros, na forma e na linguagem. Rubén Dario foi a primeira expressão autêntica da poesia americana, isto é, a primeira grande expressão. Nascia Rubén Dario em Nicarágua, em 1867. Gonçalves Dias morria em 1864, três anos antes do nascimento de Rubén Dario. Isso para colocar o problema num plano de ordem cronológica apenas. Alexandre Herculano, em artigo melancólico e dramático, no qual lança uma ligeira visada sôbre o futuro das letras em Portugal e no Brasil, saudando o aparecimento dos "Primeiros Cantos", registra : "Quiséramos que as Poesias Americanas" que são como o pórtico do edifício ocupassem nêle maior espaço. Nos poetas transatlânticos há por via de regra demasiadas reminiscências da Europa. Êsse novo mundo que deu tanta poesia a Saint-Pierre e a Chateaubriand é assaz rico para inspirar e nutrir os poetas que cresceram à sombra das suas selvas primitivas (. . .) "Como argumento disso, como exemplo da verdadeira poesia nacional do Brasil,". Alexandre Herculano não conhecia pessoalmente a Gonçalves Dias, e a sua palavra representava, na época, uma forma de consagração, sobretudo por ter sido vista por aquêle escritor, a estréia do poeta brasileiro, como um meio de renovação da poesia de Língua Portuguêsa que, na palavra daquele escritor, se estendia quase morta no chão árido e sêco da velha e carrancuda nação, inclusive despertando os elementos nativos na direção de novas conquistas sociais.

A poesia de Gonçalves Dias, essencialmente, é densa dos elementos telúricos de que trata Alexandre Herculano. Na concepção da paisagem, suas árvores,

seus frutos, sua côr primitiva, o gôsto agreste e a beleza, o calor dos trópicos, tudo bem assimilado, instintivamente plástico, forte como "o rito semibárbaro dos Piagas", sedimentado na imaginação, no sentimento e no corpo do poeta. Mestre do rítmo até hoje Gonçalves Dias ainda o é. A fôrça dramática dos seus poemas já os levaram a serem adaptados para o teatro, razões pelas quais, a melhor crítica brasileira o considera, o primeiro grande poeta brasileiro.

POEMAS

DE

GONÇALVES DIAS

ESCRITOS EM MANAUS

ESTÂNCIAS

I

O nosso índio errante vaga;
Mas por onde quer que vá,
Os ossos dos seus carrega;
Por isso onde quer que chega
Da vida n'amplo deserto,
Como que a pátria tem perto,
Nunca dos seus longe está!

II

Tem para si que a poeira
Daquele que choram morto,
Quando a alma já descansa
Da eternidade no pôrto,
Nenhures está melhor
Do que na urna grosseira
Que a cada momento enxergam,
Que de instante a instante regam
Com seu prantear de amor!

III

Ando como êle incessante,
Forasteiro vago, errante,
Sem próprio abrigo, sem lar,

Sem ter uma voz amiga
Que em minha aflição me diga
Dessas palavras que fazem
A dor no peito abrandar!

E sei que morreste, filha!
Sei que a dor de te perder
Enquanto eu fôr vivo, nunca,
Nunca se há de esvaecer!

Mas qual teu jazigo? e onde
Jazem teus restos mortais?...
Êsse lugar que te esconde,
Não vi: — não verei jamais!

IV

Não sei se aí nasce a relva,
Se algum arbusto s'inflora
A cada nova estação;
Se a cada nascer da aurora
O orvalho lágrimas chora
Sôbre êsse humilde torrão!
Se aí nasce o triste goivo,
Ou só espinhos e abrolhos,
Ou se também de alguns olhos
Recebes pia oblação.

V

Sei que o pranto, que se verte
Longe do morto, não basta:
E' pranto que a dor não gasta,

Que nenhum alívio traz !
Sei que ao partir-me da vida,
Minha alma andará perdida
Para saber onde estás !

VI

Irei beijar teu sepulcro,
Chorar meu último adeus,
Depois, remontando aos céus,
Direi a Deus : "Aqui estou !"
Tu, dentre o côro dos anjos,
— Dos Serafins resplendentes —
Então — as asas candentes,
Que a vida não maculou,
Desprega ! — e meiga, humilhada,
Ao trono do Eterno vai,
E na linguagem dos anjos,
Dize a Jesus : "E' meu pai !"

VII

Êle humanou-se ! — quis ser
Filho também de mulher;
Mas d'homem, não; porque os céus
Não têm espaço bastante
Para um homem — pai de Deus !

VIII

Bem sabe êle quanta glória
Sente o pai, que um anjo tem !
Julgará que, pois perdida
Teve uma filha na vida,
Não a perca lá também !

Manaus, 1.° de maio de 1861.

QUE COUSA É UM MINISTRO

I

O Ministro é a fênix que renasce
Das cinzas de outro, que lhe a vez cedeu :
Nasce num dia como o sol que nasce,
Morre numa hora como vil sandeu !

Se nódoas tem, excelência as caia;
Mortal sublime, que não sabe rir,
Do vulgo inglório não pertence à laia,
Dará conselhos, se se lhe pedir !

Um bípede de pasta, não de barro,
Nos pés se firma por favor de Deus !
Dois fardas-rôtas trotam trás do carro
Em ruços magros como dois lebréus.

Agora, sim : temos a pátria salva,
Não fará êste o que já o outro fêz !
Grande estadista ! basta ver-lhe a calva,
D'homem assim não há dizer — talvez !

Vêde-lhe a pasta, que de cheia estala
Só de projetos que farão feliz
A pátria ingrata, que seus feitos cala,
Ou mais que ingrata, o nome seu maldiz !

Vêde-lhe o saco — carga de um jumento,
Com borlas d'ouro e verde ! — No costal,
Castigo do ordenança, lê-se atento
Projetos mil ! secretaria tal !

Cansai-vos pois ! — Quem veste aquela farda
Há de fazer o que mui bem quiser !
Vem-lhe com ela uma sabença em barda !
Por isso acerta, quando Deus lá quer !

Se lhe lanças baldões na própria cara
Diz alguém que o defenda, e chega a si
Com intrínseco amor a pasta cara,
E exclama : "ó pátria, morrerei por ti !"

Ó Codros, Cúrsios, Fábios, Cincinatos,
Carunchosos heróis da antiga história,
Vinde-me aqui, e ponde-vos de rastos
Junto dêste que vence a qualquer glória !

Pois que faríeis vós ? Verter do peito
O melhor sangue. . . pela pátria acabar ! . . .
Imbecis ! — pois mais vale com proveito
Da pátria à custa a vida flautear !

Ou se não, vêde-me êste que anafado,
Nédio, de cara alegre, ânimo audaz,
Faz de si quando quer um deputado,
Ministro quando quer ! Mas que mal faz ?

Notas-lhe a fronte de cuidados cheia,
Nuvens e nuvens vêdes i passar,
Como na praia turbilhões de areia,
Como em tormenta os vagalhões no mar!

Grande homem! dize: que temor te afronta?
A nau do Estado salvarás talvez!...
Qual nau do Estado? é a horrorosa conta
Dos ruços magros, que alugou por mês!

II

Basta enfim, que é mortal feito com pasta,
Fardado, com tetéias, com galão!
Trata-se de comer — nada lhe basta;
Mas dizem que é sujeito à indigestão!

Trata-se de falar!... Aplaude-o junta,
Em pêso a maioria, — homem feliz!
Mais modesto que o Grego não pergunta,
Tem a certeza de que asneira diz!

Trata-se de escrever!... Vêde em que espaço
Fôlhas e fôlhas de papel encheu!
Cem vêzes mil em ruim papel de almaço
Soberbo assina o nome ilustre seu!

Mas num dia nefasto, a turba-multa
Irosa vai-se à estátua do imortal,
Com duro esparto o ilustre colo insulta
Té dar com êle em fundo lodaçal!

Logo, farda, florete, pendrucalhos
Vão para um canto a criar môfo lá!
Limpa-se o carro! pensam-se os cavalos,
Memento, homo! — Está bem morto já

Mesmo os sendeiros dos dois fardas-rôtas,
Na rua empacam, sem querer seguir!
Debalde os tosam co'o tacão das botas,
Deitam na rua a papelada: é rir!

Agora, pois, que não há dessa gente,
Vão nossas cousas caminhar a sós!...
Mas que poeira vê-se de repente
La no horizonte em direitura a nós!?

Inda um ministro!... grande Deus bendito!
Doirado d'inda agora, e fresco, e assim
Vem tão contente de se ver bonito,
No olhar parece que vos diz... Eu sim!

Eia, depressa! meus dois fardas-rôtas,
Toca de novo pasta e saco a encher,
Dá-lhe que dá-lhe co'o tacão das botas
Trás do ministro largando a correr!

E ei-lo que passa o homem doutro barro!
Que tem dois pés, mas por favor dos céus!
E os dois fardas-rôtas lá vão trás do carro,
Nos rocins magros, como dois lebréus!

III

Bípede, sim; mas a cair de bruços
Não poderia ter-se em pé jamais.

Por isso marcham na vanguarda os ruços,
Sem terem culpa, pobres animais!

Dizem também, mas não o dou por certo,
Que um dêsses lesmas, já assim falou —
Foi um discurso de zurrar aberto,
Do senado um taquígrafo o tomou:

"Ó tu que tens de humano o gesto e o peito,
Se de humano é matar um bicho feio
Só porque o costado tem sujeito
A quem lhe soube pôr o sujo arreio,
A estas matadúras tem respeito,
Pois te não move a rigidez do freio!

"Põe-me onde se use tôda a crueldade,
Entre leões e tigres, e verei
Se nêles achar posso a piedade,
Que em peito de ministros não achei!
Ali co'amor intri'seco e vontade
No capim por que morro, viverei!

"Pois de algum deputado a resistência
Sabes domar, sem ser com fogo ou ferro,
Sabe também dar vida com clemência
A quem para perdê-la não fêz êrro".

Mais ia por diante o monstro horrendo
Com o sermão, que ninguém lhe encomendara,
Quando inimiga mão lhe foi batendo
Com o chicote estalador na cara!

Manaus, maio de 1861.

OH ! QUE ACORDAR !

Se o que somos, se o que temos sofrido
Não fôsse mais que um sonho !
A despedida sem adeus, a ausência,
O destêrro medonho !

O viver sem família, sem ventura,
Sem esperanças mais...
Êste pensar eterno, êste sofrer sem crime,
Êste descrer dos mais;

E aquele ver-te qual t'eu vi, co'o pranto
Nos olhos a brilhar,
E nos lábios sorrisos porque vias
Qual era o meu penar !

Se êsse fingir que a vida te esgotava
Do pobre coração,
Se tudo fôsse um pesadelo horrível,
Um sonho vão;

Se outra vez amanhã meiga sorrindo
Me viesse contar
Teu sonho mau, durante a noite, e o ledo
Venturoso acordar !

E que de ver-te se me fôsse d'alma
D'angústia o sentimento,
Como visão noturna, com um traço n'água,
Nuvem que tange o vento!

Se em nossos peitos dêsses caos surgissem
Os êxtases de amor,
Como aves mil, que no romper do dia
Voam de um ramo em flor!

E a vida entre nós franca! o amor possível
E o paraíso ali!
Oh! que acordar!... Venham dizer-me agora
Depois do que sofri,

Que o mundo é vasto, que não devo amar-te,
Que renuncio a ti!
Fazei-o vós, se sois capaz de tanto...
Não o peçais de mi.

Qual o horrendo porvir que após nos guarda
Não o sabeis, eu sei!
E' ser morto por dentro, é dizer d'alma
Jamais feliz serei!

E' criar tédio à vida! — um só receio
Ter-se — que seja eterno
Êste viver, êste descrer de tudo,
Êste penar do inferno!

Manaus, 30 de maio de 1861.

SE MUITO SOFRI, NÃO M'O PERGUNTES

Se muito sofri já, se ainda sofro
Por teu amor ? !
Não mo perguntes ! que do inferno a vida
Não é pior ! . . .

Eu ! vegetar da terra entre os felizes !
Que faço aqui ?
Sonhos de amor, de glória, — lá se foram
Atrás de tí !

A ver se encontro d'esperança um raio
Olho em redor,
E nada vejo, e mais profunda sinto
No peito a dor !

Que faço aqui ? Dias cansados, anos
Sem fim — durar !
Depois que te perdi, viver ainda,
Viver ! penar ! . . .

Eu, não ! Quem fôr feliz que preze a vida,
Tema perdê-la !
Por mim não tenho horror, nem tédio à morte,
Clamo por ela !

Bendita seja pois a que mandada
Me fôr — por Deus.
Matar-me, não; quero ver-te ainda
Feliz nos céus !

Mas no pego da dor, em que me abismo,
— Nesta aflição
Negra como a do cego que na estrada
Esmola o pão !

Como a do viajor que pelas trevas
Sem tino vai,
E, errado o trilho, se embrenhou nas matas,
Nem delas sai !

Neste viver sofrendo, errante, louco,
Mísero Jó,
Que amigos e inimigos à porfia
Pungem sem dó !

Às vêzes, da amargura no remanso,
Ao Criador
Minha alma eleva cânticos de graças,
Hinos de amor !

Que se estivesse em mim renascer hoje,
Sofrer o que sofri . . .
Eu quizera viver para ainda amar-te
E amado ser por ti !

Manaus, 16 de junho de 1861.

NO JARDIM

Lembra-te o Jardim, querida !
Lembra-te ainda da vida
Aquela quadra florida,
Que ali passamos então ! . . .
— Duas salas, um terraço,
Poucas flores, muito espaço,
Muita luz; mas a melhor,
— A flor do teu coração,
A luz do teu santo amor !

Não tinha a casa pintura,
O chão não tinha cultura :
Paredes nuas, ladrilho,
Tudo singelo, sem brilho . . .
Ninguém diria a ventura
Que ali se pudera achar !
E' porque ninguém sabia
Que tu ali vinhas ter
A cada romper do dia
Como um raio de alegria !
E' que o sol no seu morrer
Seus raios ali mandava,
Como que nos céus fixava
A história do amanhecer !

— Que o ciclo da nossa vida
Da terra oscilava aos céus,
Na luz do amor teu, querida,
Na luz mandada por Deus!

E depois, se vinha a noite,
Fôssem trevas ou luar,
— Como em sonhos prazeiteiros,
Como em mágicos luzeiros,
Do infinito pelos campos
— São menos os pirilampos
Se ia minha alma a vagar!
No bosque — à noite! — as estrêlas
Nem tantas são, nem tão belas
Como os doces devaneios,
Desejos, temor, receios,
Daquele ameno cismar!

Vivia! estava desperto!
Eu contigo me entretinha;
Tu ali estavas — bem perto,
A voz te ouvia que vinha
De amor minha alma inundar!
Mais formoso que tal sonho
Era só meu acordar,
Vendo teu rosto risonho,
Vendo nêle do meu sonho
A imagem se desenhar!
— Ouvindo-te a voz macia
Baixinho pronunciar
Frases de amor, de poesia,
Que ninguém pudera achar!

Crê-me ! a infanta portuguêsa,
De Inglaterra a princesa,
Laura, Elvira, Beatriz.
Nos cantos de ilustres bardos
Só — foram grandes : tu não !
Distinta por natureza,
No sentimento rainha,
A poesia te vinha
Sublime, estreme, feliz,
Traduzida em gesto brando,
Ou d'alma plena brotando
Do abundante coração,
Ampla, caudal como um rio,
Como pérolas em fio
A granizarem no chão !

Aquelas vivem eterno
Na história do seu amor !
Em tôrno de luz sentadas,
C'roadas de resplendor !

Mas, quem dirá o que fôste !
O que és ainda — talvez !
Se estas pobres fôlhas sôltas
Nem chegarão a teus pés ? !

Manaus, 17 de junho de 1861.

A BAUNILHA

Vês como aquela baunilha
Do tronco rugoso e feio
Da palmeira — em doce enleio
Se prendeu !

Como as raízes meteu
Da úsnea no musgo raro,
Como as fôlhas — verde-claro —
Espalmou !

Como as bagas pendurou
Lá de cima ! como enleva
O rio, o arvoredo, a relva
Nos odores,

Que inspiram falas de amôres !
Dá-lhe o tronco — apoio, abrigo,
Dá-lhe ela — perfume amigo,
Graça e olor !

E no consórcio de amor
— Nesse divino existir —
Que os prende, vai-lhes a vida,
De uma só seiva nutrida,
Cada vez mais a subir !

Se o verme a raiz lhe ataca,
Se o raio o cimo lhe ofende
Cai a palmeira, e contudo
Inda a baunilha recende !

Um dia só — que mais tarde,
Exausta a fonte do amor,
Também a baunilha perde
Vida, graça, encanto, olor !

Eu sou da palmeira o tronco,
Tu — a baunilha serás !
Se sofro, sofres comigo,
Se morro — virás atrás !

Ai ! que por isso, querida,
Tenho aprendido a sofrer !
Porque sei que a minha vida
E' também o teu viver.

Manaus, 17 de junho de 1861.

SE TE AMO, NÃO SEI !

Amar ! se te amo, não sei.
Oiço aí pronunciar
Essa palavra de modo
Que não sei o que é amar.

Se amar é sonhar contigo,
Se é pensar, velando, em ti,
Se é ter-se n'alma presente
Todo esquecido de mi !

Se é cubiçar-te, querer-te
Como uma bênção dos céus
A ti sòmente na terra
Como lá em cima a Deus;

Se é dar a vida, o futuro,
Para dizer que te amei :
Amo; porém se te amo
Como oiço dizer, — não sei.

Sei que se um gênio bom me aparecesse
E tronos, glórias, ilusões floridas,
E os tesouros da terra me oferecesse
E as riquezas que o mar tem escondidas;

E do outro lado — a ti sòmente, — e o gôzo
Efêmero e precário — e após a morte;
E me dissesse : "Escolhe" — oh ! jubiloso,
Exclamara, senhor da minha sorte !

"Que tesouro na terra há há i que a iguale ?
Quero-a mil vêzes de joelhos — sim !
Bendita a vida que tal preço vale,
E que merece de acabar assim !"

Manaus, 25 de julho de 1861.

COMO ! ÉS TU ?

Como ! és tu ? ! essa grinalda
De flores de laranjeira ! . . .
Branco véu, nuvem ligeira
Sôbre o teu rosto a ondear !
Pálida, pálida a fronte
E os olhos quase a chorar !

És tu ! bem vejo . . . não fales !
Cala-te ! já sei o que é !
A mão vais dar, vida e fé
A outro ! . . . Vais te casar.
Pálida, pálida a fronte,
Olhos em pranto a nadar !

E vais ! e és tu mesma ? — e vais ! . . .
Fui eu quem te dei o exemplo . . .
Sei que aguardam no templo,
Deixa-me aqui a chorar :
Fazes sòmente o que fiz,
Não fazes mais que imitar !

Mas eu quis ver-te feliz,
Não dar-te exemplo ! . . . pensava
Que ileso e firme ficava
O teu amor — a guardar
A fé, que eu mesmo, insensato !
Fui o primeiro a quebrar !

Contradições d'alma humana !
Fui, sim, que te dei o exemplo,
Isso quis, e ora contemplo
Essa grinalda — a chorar.
A fronte pálida, pálida,
E o branco véu a ondular !

E há de o mundo ainda algum dia
Do olvido o véu tenebroso
Estender por tanto gôzo,
Tanto crer, tanto esperar !
Vai que te aguardam : já tardas :
Deixa-me aqui a chorar !

Vai ! e que os anos derramem
Sôbre ti flores, venturas,
Que as alegrias mais puras
Floresçam dos passos teus :
E que entres na casa estranha
Como uma bênção dos céus !

Que a fortuna — de veludos
Alcatife os teus caminhos
Que o orvalho dos teus carinhos
A êsse faça feliz
Com que te casas — que te ame
Como te amei e te quis !

Porém procura esquecer-te,
Das venturas no regaço,
De mim, dos votos que faço,
De quanto pedi aos céus
Ver êste dia . . . mas choro !
Vai ! sê feliz ! adeus !

Manaus, 25 de julho de 1861.

ceitos estéticos, nas artes em geral — embora encarada por alguns, de princípio, como gesto iconoclasta e irreverente — foi, finalmente, reconhecida como necessária e indispensável ao desenvolvimento cultural da terra onde vivemos.

Aos nossos leitores, pois, o primeiro volume da "Coleção Madrugada". Encerra, como já dissemos, uma homenagem e reverência àquele que, de modo sublime e tão eloqüente, cantou mais alto a terra e o povo brasileiros.

Outros, no decorrer do ano de 1965, serão entregues. E o movimento que ora inauguramos, do qual, em perfeita simbiose, participam o público leitor e a nova geração de intelectuais representada pelo Clube da Madrugada, é o maior testemunho de que estavam certos aquêles que, um dia, sonhando amanheceres, resolveram madrugar e, madrugando, ganhar tempo para melhor *construir.*

MANAUS, ABRIL DE 1965.

FRANCISCO VASCONCELOS